

REBELIÃO

Concretista

CONTRA VIII Salão Paulista

O S CONCRETISTAS de São Paulo decidiram declarar guerra ao que chamam espírito carreirista que vem dominando, de uns anos a esta parte, o movimento artístico e que — acreditam — seja alimentado por elementos de proa do Museu de Arte Moderna. Valdemar Cordeiro, a quem certa vez a sra. Iolanda Pentecostes Matrazza chamou "anúncio luminoso" (é alto, faz vista e barulho), condena o fenômeno, chamando-o "cicilismo" o que, certamente, vai na conta de sua impetuosidade meridional de quem gasta palavras em termos de inflação.

Ultimamente, disse-nos Valdemar Cordeiro, cresce a tendência de muitos artistas antes jovens e combativos se apegarem às medalhinhas, aos prêmios, aos grupinhos. Em sua

uns cinco anos, todas as tendências estiveram representadas. Despimo-nos de sectarismo e espírito de grupo para que a mostra fosse realmente uma expressão do movimento artístico paulista. Neste VIII Salão Paulista de Arte Moderna, contudo, o contrário está acontecendo e, como achamos que o regulamento não está sendo aplicado com o devido conteúdo cultural, resolvemos protestar. Nós, os concretistas, nos rebe-

organizadora ou um júri de seleção, conforme está acontecendo..."

São eles os jovens pintores Willy de Castro — "...ele circulou pelos "ateliers" concretistas e não nos pode representar: só é exposto num Salão de Arte Moderna de São Paulo..." e Norberto Nicola, — "orientado por Aldeмир Martins, que é presidente da comissão organizadora". Assim, a presença de Mario Zanini, sempre ponderado e inimigo de grupos, não seria o bastante para ajustar a "gana com que certos elementos estão esperando os concretistas para almejada desforra..."

Entre os concretistas irritados contra o que chamam discriminação que só prejudica a cultura, está o pintor Maurício Nogueira Lima — "segundo prêmio Leirner e que, por isso mesmo, teve todas as obras cortadas na Bienal..."

Ora — é o raciocínio dele — o prêmio me foi concedido por um júri do qual participavam os srs. Sergio Miliet, Geraldo Ferraz, Bruno Giorgi, Lívio Abramo, Lourival Gomes Machado, não sendo justo, portanto, que o júri da Bienal cortasse essas mesmas obras. Em tempo: o sr. Felício Leirner, marido da escultora Felícia Leirner, retirou-se da última bienal com algum barulho e o prêmio Leirner, aos olhos de alguns pelo menos, assumiu aspecto de de-

safio ao espírito que preside as bienais.

Dito isto, continuamos, dando a palavra aos rebeldes Valdemar Cordeiro, Maurício Nogueira Lima, Hermelindo Fiaminghi, Aroldo Grostein, Casemiro Fefjer e Lothar Charroux. Quem fala mais é Cordeiro:

— Queremos nossos quadros de volta. Quando os mandamos, não imaginávamos que o espírito de grupo predomi-

minasse. Achamos que o regulamento do salão está sendo aplicado sem o devido conteúdo cultural, de respeito ao valor artístico e à representatividade e, por isso, antes que se efetue a seleção, pretendemos retirá-las. São cerca de trinta obras, representando uma dúzia de artistas concretistas. Queremos retirá-las, num sinal de protesto àquela carreirismo a que já nos referimos.

Segundo circula à boca pequena, Cordeiro seria inaproveitavelmente "cortado" deste VIII Salão, numa "jorra aos seus antigos cortes, quando passou de proa em salões anteriores" — jorra essa que o próprio prejudicado considera expressão do espírito de "vale-tudo" e que já empolgando o movimento artístico.

... o dizemos sem apontar pessoas e sem rancor. Estamos expondo em diversos lugares e temos exposições programadas para o Rio e para o saqueio das "Folhas", logo mais. Não concordamos em ser tratados com tal discriminação, uma vez que a nós o movimento artístico deve alguma coisa, inclusive o florescimento das tendências concretistas já verificado em algumas capitais do Brasil, no campo da pintura e da poesia — finalizou Valdemar Cordeiro.

Texto de IBIAPABA MARTINS

Ultima Hora

★ São Paulo, 3.ª-Feira, 9 de Junho de 1959 ★

opinião, o apego às medalhinhas e aos prêmios se cristalizou num pequeno grupo que inspira muitas das iniciativas do Museu de Arte Moderna e leva seu prestígio a outros setores, tal como o Salão Paulista de Belas Artes.

— Quando nós, os concretistas, dominamos o II Salão Paulista de Belas Artes, há

lamos contra a situação e lançamos agora nosso protesto — disse-nos.

Fato que está irritando os treze concretistas de São Paulo é terem sido escolhidos pelo secretário da Educação dois jovens elementos "de alguma sensibilidade artística, mas sem a necessária experiência para integrarem uma comissão



UNANIMES, os pintores concretistas garantem: «Vamos retirar nossos quadros. O VIII Salão está dominado por um grupo sectário».